

A IDADE DA RAZÃO

PODER

Alexandre Garcia

Tenho com Brasília um caso de amor à primeira vista, que tem aumentado a cada dia desses últimos 18 anos. Fico muito orgulhoso ao constatar que convivo com minha amada já há mais da metade da vida dela. Renasci aqui, aqui achei um amor maior que não tem ciúmes da cidade-amada, criei raízes, semeiei dois filhos, virei brasileiro desde o primeiro dia. Tem sido uma convivência feliz. Minha cidade-amada é romântica sem deixar de ser prática: me oferece sempre à vista o horizonte, onde o céu e a terra se encontram. Sempre o lago ao alcance do olho e da alma — e também me dá o puro ar do planalto, chegando vestido de brisa terna ou de vento forte que mexe com a pele das gentes e das árvores.

Tem gente que não gosta de ar puro, deixa sair fumaça preta da descarga dos ônibus e caminhões, faz fogo para destruir nossos irmãos vegetais e chega ao cúmulo de aspirar fumaça para dentro de seus próprios pulmões.

Minha amada me embala às noites com o canto do galo solitário, o latido distante do cachorro desperto; enche meus outonos de cigarras; minhas primaveras de nuvens verdes de periquitos; meus verões de paraísos de todas as estações.

Tem gente que não gosta de ouvir a cidade-amada, e polui os ouvidos com a descarga aberta dos carros, o motor acelerado de quem tem dinheiro para o combustível mas não tem respeito pelos seus irmãos.

Minha amada é prática, os contornos de seu corpo foram bem desenhados pelo criador Lúcio Costa, para não correr riscos no caminho, estar sempre perto do trabalho e de casa, deslizando fácil pelas vias da cidade do terceiro milênio.

Mas tem gente que não gosta da paz no trânsito e se dedica, todos os dias, a infernizar a vida alheia, e atentar contra os que caminham.

Minha amada tem flores e cores da espatódia e dos ipês, da quaresmeira e dos flamboyants e o verde de todas as árvores, plantadas pelo Criador e pelas criaturas.

Mas tem gente que não gos-

Minha cidade-amada é romântica sem deixar de ser prática

WHASÍLIA

Bob Fernandes

Brasília faz 34 anos. Washington já passou dos 200. Uma é da outra o avesso do avesso do avesso do avesso. Uma é a capital do Brasil. A outra é a capital do único Império do Mundo na chegada do século XXI. Uma tem como moeda o dólar. A outra tem o cruzeiro real, o dólar disfarçado em URV, terá o Real... Não tem moeda.

Este é um texto leviano. Como será todo aquele que buscar semelhanças e desse-melhanças entre cidades. Cidades são como impressões digitais. Aqui e ali podem ser iguais. No todo, jamais. Washington tem sua Esplanada, com traçado quase idêntico.

Dentre as diferenças, uma mais visível; a Esplanada norte-americana é ocupada nos dois lados por museus. O ingresso é grátis. A Esplanada de Brasília, como tudo mais no Brasil, recria, inova, inventa. Os ministérios são, ao mesmo tempo, museus-vivos. Testemunhos de uma cultura. Cobram ingresso. Caríssimo.

Brasília tem suas satélites. Washington também tem. Há alguma riqueza ao redor da capital do Brasil, mas a marca e meta de ascensão social é o Plano Piloto, são as casas e mansões nos lagos Sul e Norte. Há ricos e muita riqueza dentro da cidade de Washington. Mas é lá também que está a miséria.

A riqueza isolada, os casarões e mansões estão na periferia. A marca e meta de ascensão social é Chevy Chase, Bethesda, são as satélites da capital da América. Brasília tem os seus guetos. Que estão ao redor, nas satélites. Washington tem o seu gueto. Que está dentro, entranhado.

O gueto de Brasil(ia) é preto, mulato, branco e amarelo. O gueto de Washington é preto. Em Brasil(ia) o gueto é gueto mas se abre, sai, convive, vive, ama, inveja, mata e morre. Em Washington o gueto se fecha e não há porque nem como se abrir. Sai, mas não sai. Não convive. Vive, odeia, mata e morre. Ama, mas só para dentro do gueto. Porque é preto.

Na América, preto é preto e branco é branco. Preto tem nojo, desprezo pelo branco. E o branco tem medo, pânico de preto. Em Washington, preto não é preto. É afro-americano.

Em Brasília preto não é preto. É “aquele moreninho”, o “escurinho”, o “pardo”, é “aquele preto”. Preto em Brasília(ia) é uma palavra que, apenas por estar aqui e assim escrita, terá levado muito leitor a indagar: “Isto aqui não é preconceito?”. Em Brasília(ia) o certo, o bom, é evitar o assunto em público.

Em Brasília tem ladrão? (Galinha não entra nesta lista). Em Washington tem mais, muito mais ladrão. Mas lá, quando se pega, não tem jeito. Aqui, anda mais difícil mas ainda há o jeitinho. Lá, sabem todos, o ladrão é quem roubou. Aqui, sabem todos, inclusive os ladrões: só quem rouba é o outro, o vizinho.

Washington é seca, gelada e desnuda no inverno. Brasília é seca e quase nua no inferno-primavera, molhada e linda no verão. Pode esfriar ou não. Pode esquentar ou não. Em Washington a primavera chega no dia cravado no calendário. Em Brasília a chuva chega em setembro. Ou em outubro. Ou em novembro. Pode ser até em dezembro.

Em Washington a primavera chegou. Com flores e tudo mais. E em Brasília? Chove ou faz sol? É claro e óbvio, dirão, aqui é o trópico, lá é misantrópico. Brasília é Brasília, Washington é Washington. Pois é.

Bob Fernandes é repórter da “Folha de S. Paulo”. Viveu em Brasília e em Washington

Luis Turiba

Um grupo de adolescentes brasileiros fazia happy-hour no Posto Colorado, uma parada clássica e quase obrigatória entre o Plano Piloto e a cidade-satélite de Sobradinho. Lá do alto, entre cervejas e tititis, observavam com o orgulho o gigantismo desorganizado de Brasília se espalhando pelo Planalto Central. Vista de longe, a cidade ganhava naquele momento um tom especial de cores, graças ao lusco-fusco do entardecer e ao acender de milhões de luzes. Para completar a paisagem, uma lua cheia, robusta e amarelada surgia por trás do Congresso Nacional prometendo escandalizar a noite. Uma das jovens presentes, hipnotizada pelo visual, constatou: “Que linda! Parece até que Oscar Niemeyer desenhou essa lua”. Ao que um de seus companheiros de mesa completou poeticamente: “E Deus desenhou Brasília embaixo como um espelho”.

Criou-se neste diálogo uma parceria divina: gente, arquitetura e natureza, uma das muitas leituras possíveis da capital proposta por Lúcio Costa no seu Plano Piloto. Aliás, declarações de amor como esta já fazem parte da rotina e do cotidiano do ser brasileiro. Ao completar 34 anos de existência, com dois milhões de habitantes, Brasília não é mais uma maquete arquitetônica, um projeto futurista ousado e socializante ou uma utopia desenvolvimentista. Muito menos uma ilha de prosperidade e fantasia, caverna de políticos corruptos e gazeteiros, porto de mar de lama e entreposto de mordomias. Nada disso. O sonho de Dom Bosco e a realização de JK ganharam vida e animação, encheram-se de problemas que buscam soluções. Brasília povoou-se e ganhou o título de Patrimônio Cultural da Humanidade.

Neste trigésimo quarto aniversário, é possível saber que por trás do Congresso Nacional e da Praça dos Três Poderes e das linhas arquitetônicas de Oscar Niemeyer não se escondem tão somente luas cheias, conspirações de negociatas ou CPI que apuram roubalheiras de políticos e governantes enviados para cá. Nada ofende mais o brasileiro comum, cidadão trabalhador e pagador de impostos, do que chamar a cidade de corrupta,

Brasília não é mais uma maquete nem ilha da fantasia

conforme orquestração desafinada que parcela da mídia tentou e ainda tenta vender, para o resto do País, como a principal imagem da capital. O brasileiro reage a esta trama, porque tem também desejos gritantes, tais como: emprego, moradia e falta de dinheiro (algo comum a todos os brasileiros) e também quer se ver livre, de uma vez por todas, do karma da corrupção e da politicagem, que na realidade é um problema do Brasil e não só de Brasília.

“Por que sofre o coração de Dona Sarah Kubitschek?” Pergunta o publicitário Sérgio Banderia, 49 anos, pai de três filhas brasileiras, e líder do movimento civil **Viva Brasília** que aglutina 18 profissionais liberais dispostos a defender a honra da cidade contra qualquer agressão externa ou interna. “Brasília não é a gruta de Ali Babá e esses ataques retrógrados levaram a eterna primeira-dama, mãe maior desta capital, a ter um ataque cardíaco”, especula. Bandeira e seus companheiros lançarão hoje, nas festas comemorativas de aniversário, o manifesto **Amor a Brasília**.

Aos 34 anos, a sociedade de Brasília já começa a ter uma cara e um jeito. Esta talvez seja a principal constatação das reflexões deste aniversário. O ser brasileiro existe e tem até sotaque, conforme estudo desenvolvido pela professora Stela Maris, diretora do Departamento de Letras da Universidade de Brasília (UnB). Segundo censo realizado na década passada — no qual a pesquisa foi baseada —, 67,5% da população do DF vêm de outros estados, enquanto 31,6% nasceram na cidade e 10,9% são estrangeiros. A liquidificação de pronúncias no mesmo painel social e vivencial, derrubou o chido do carioca nas letras “s” e “z” e o “r” puxado do mineiro, do paulista e a vibração que o gaúcho dá a essas três letras, o falar baiano e nordestino, por exemplo, perdem a ênfase cantante e é alguém ouvir uma criança dizer. “Oxente, tchê! Arre égua, uai. Vou descer”, o que em brasileiro significa “vou para rua”.

“O brasileiro neutraliza os

ERALDO PÉRES



Senador, ex-ministro. Presidente?

traços regionais mais marcantes e começa a misturar tudo”, explica Stela Maris. Sua pesquisa constatou, por exemplo, que o sotaque brasileiro reproduz principalmente o modo de falar da mídia, dos telejornais e das novelas.

Mas não são apenas os brasileiros que para cá vieram, constituíram família, criaram empregos e desenvolveram negócios que amam e adotam Brasília. Há dez anos, por exemplo, a capital brasileira perdida no cerrado central, era tida como “posto de risco” para diplomatas estrangeiros. Servir aqui, significava sacrifício e tédio, ao contrário do Rio de Janeiro dos bons tempos. Isso também mudou.

“Há 15 anos venho visitando Brasília constantemente. A cada ano a cidade melhora, fica mais cosmopolita”, conta Dennis Shaw, adido cultural da embaixada dos Estados Unidos, que declara-se “um amante” da capital e ativo frequentador dos teatros da cidade, shows de música e exposições. “O que me encanta, além das facilidades e dos serviços, são os jardins, os parques e as áreas verdes. Poucas cidades do mundo possui esses espaços mágicos. Parabéns a Brasília e a seus habitantes pelo aniversário”, finaliza Shaw.

Lydia Medeiros e

Sheila D'Amorim

FAMA

FHC

Candidato a ocupar o endereço mais importante da capital, o Palácio da Alvorada, o senador Fernando Henrique Cardoso tem cada vez menos tempo para viver Brasília. Desde que saiu do Senado para integrar o governo, Fernando Henrique teve que deixar de lado alguns hábitos. Sua agenda é tomada por reuniões políticas em gabinetes fechados, sem deixar mais espaço para as caminhadas matinais diárias na 104 Sul, quadra onde mora.

Na cidade desde 1983, quando assumiu a vaga do ex-senador Franco Montoro, Fernando Henrique hoje está cada vez menos na rua, evitando o assédio da imprensa. Desde os tempos do Ministério da Fazenda já não pode sair para jantar fora, como fazia durante a Assembléia Constituinte, quando frequentava o Florentino. Como a maioria dos políticos, hoje prefere ir ao Piantella. Também adora almoçar no restaurante Carpe Diem, perto de sua casa. Mas o candidato à Presidência tem ficado mesmo é em casa.

Porém Fernando Henrique chega a ter com Brasília laços mais fortes que aqueles impostos pelo exercício do poder. Uma de suas filhas, Luciana, casou aqui e adotou a cidade como lar. É Luciana quem cuida da casa do pai em Brasília, o que deixa o ex-ministro longe do supermercado e dos bancos.

Como todo bom brasileiro, o tucano Fernando Henrique também gosta do céu da cidade. Como um “estrangeiro”, fica admirado com o horizonte largo de Brasília, bem diferente do cenário dos edifícios paulistas. Para se refugiar, o candidato à Presidência escolheu uma região bem próxima da cidade. Comprou uma fazenda em Buritis, Minas Gerais, a apenas 200 quilômetros da capital.

Apesar de gostar de Brasília, Fernando Henrique é na verdade mais um dos moradores eventuais da cidade. Como a maioria dos parlamentares, não fica para os finais de semana. Se chegar ao poder, certamente ficará mais tempo na capital, mas terá menos chances de ter liberdade para usufruir da cidade como um de seus habitantes.

Ao contrário de Fernando Henrique, Sérgio Cutolo se diz filho da terra. “Minha personalidade é marcada por Brasília”, afirma. E não é para menos. Faz cooper antes do trabalho, gosta de andar de bicicleta, sair à noite, ir à casa de amigos e fez uma carreira de sucesso no setor público. Sérgio Cutolo dos Santos, atual ministro da Previdência Social, 41 anos, em 13 de vida pública, passou de coordenador de área para diretor, secretário-adjunto, secretário executivo até sentar-se numa confortável poltrona, no oitavo andar do penúltimo prédio da Esplanada dos Ministérios.

Ali, ele posa como um dos primeiros filhos da cidade que chegaram ao escalão mais alto do governo. Sem nenhum sotaque da cidade natal, São Paulo, lembra quando veio para cá, em 1959, acompanhando os pais que eram comerciantes. O “avião” de Lúcio Costa ainda era de papel. “Era tudo barro. A gente corria de bicicleta”, conta.

“Meu pai tinha uma churrascaria de pau-a-pique chamada Camponesa, na Cidade Livre”, recorda. Ele e a família moraram lá e na Vila Amauri, uma sequência da Vila Planalto que terminava onde hoje é o Lago Paranoá. Só muito tempo depois, eles se mudaram para a 308 Sul.

SERGIO CUTOLO

“A vida vai passando por fases e eu vivi todas as minhas aqui”, afirma, explicando que os laços com São Paulo são apenas as curtas visitas a avó e reuniões de trabalho. “Meu porto é aqui, onde está toda minha família”, diz. Casado duas vezes, Cutolo tem três filhos, todos brasileiros natos. Sagitariano, gosta da cor azul, não acredita em superstições e mora num apartamento na 308 Norte. A maior parte do tempo dele é dedicado ao ministério, onde chega a ficar mais de 12 horas por dia.

Nos sábados e domingos, anda de bicicleta no parque e frequenta o Clube Naval. Não tem muito tempo para vida cultural e noturna, mas acha que a cidade oferece poucas opções. “Hoje os bares tocam música muito altas. Podia ser uma coisa mais intimista. Gosto de Bossa-Nova e Jazz”, reclama.

“Cheguei ao topo na administração federal mas nunca perdi os laços com o GDF”, faz questão de frisar, contando que durante três anos foi coordenador do Sine-DF.